MESCLA GENÉRICA E FORMA EDITORIAL NOS EPIGRAMAS BUCÓLICOS ATRIBUÍDOS A TEÓCRITO¹

GENERIC MIXTURE AND EDITORIAL FORM IN BUCOLIC EPIGRAMS ASCRIBED TO THEOCRITUS

Alexandre Pinheiro Hasegawa²

Resumo: *Proponho-me neste artigo investigar as marcas editoriais presentes na primeira seção dos epigramas atribuídos a Teócrito (1-6), não observadas nem por Gutzwiller (1998) nem por Rossi (2001); estudo também nestes poemas as mesclas genéricas como característica fundamental da συλλογή.*

Palavras-chave: livro antigo; gêneros de poesia; epigrama; espécie bucólica; Teócrito.

Abstract: *I propose in this article to investigate the editorial marks present in the first section of the epigrams ascribed to Theocritus (1-6), that haven't been observed by Gutzwiller (1998) nor by Rossi (2001); In this poems I study also generic mixtures as a fundamental characteristic of συλλογή.*

Keywords: ancient books; poetic genres; epigram; bucolic species; Theocritus.

Os monarcas e filólogos helenísticos tinham o desejo de colecionar coisas (objetos de arte, livros e até mesmo animais)³, desejo que se concretiza, de maneira exemplar, na Biblioteca de Alexandria, onde se procurava reunir todos os livros do mundo⁴. Pode-se dizer, analogamente, que a ἀνθολογία é como que uma biblioteca que reúne, seletivamente, epigramas próprios e de outros, como as *Guirlandas* de Meléagro de Gádara⁵ e de Filipe da Tessalônica. Além desta prática para a circulação dos epigramas, há ainda a συλλογή, em que se recolhem apenas poemas alheios, e o *libellus*, que é a recolha da própria produção poética⁶.

1 Agradeço a leitura, correções e sugestões de Alexander Sens e João Angelo Oliva Neto.

2 Doutor em Letras Clássicas pela USP. Professor de Língua e Literatura Latina da FFLCH/USP.

3 Ver Krevans 2007: 131, com bibliografia e as referências antigas.

4 Para a Biblioteca de Alexandria, ver Canfora 1993: 19-22.

5 Para a *Guirlanda* de Meléagro, remeto a Gutzwiller 1998: 276-322.

6 Para a distinção e exemplificação, ver Argentieri 1998: 2, que assim resume: “Sintetizando

O epigrama, de modo particular, está estreitamente ligado à circulação em formato de livro, fruto dessas práticas arroladas acima, por duas razões, como explica Argentieri, quando distingue os três tipos de coleções epigramáticas (1998: 1): primeiro, a brevidade desta poesia deve sua sobrevivência por ter sido recolhida; em segundo lugar, a origem do próprio gênero pressupõe a escrita e um suporte material, seja em objeto de ex-voto (epigrama votivo), seja em lápide (epigrama fúnebre)⁷.

Embora a prática da própria edição estivesse já bastante difundida no séc. III a.C., ou seja, o *libellus* era um modo de circulação comum⁸, parece que Teócrito não editou seus poemas neste formato⁹. É notável, por exemplo, o fato de Meléagro em seu poema proemial (*AP* 4.1) mencionar, entre os epigramatistas helenísticos, Calímaco de Sirene (v. 22: Καλλιμάχου, στυφελού μεστὸν αἰεὶ μέλιτος) e Posidipo de Pela (v. 45: ἐν δὲ Ποσειδιπτόν τε καὶ Ἡδύλον, ἄγρι' ἀρούρης), mas não o poeta de Siracusa. Portanto, dos 26 epigramas que lhe são atribuídos, os 22 conservados nos manuscritos bucólicos devem ser considerados como uma συλλογή¹⁰.

A συλλογή de poemas atribuídos a Teócrito¹¹, conservada em alguns manuscritos da família ambrosiana (K e D)¹², apresenta a seguinte sequência, cuja importância é ressaltada desde Wilamowitz (1906: 113-122)¹³:

1-6 – epigramas bucólicos¹⁴; 7-16 epigramas votivos e tumulares não

con una formula generale, possiamo dire che le raccolte epigrammatiche si dividono in tre tipi: la *silloge*, in cui si compila senza creare; il *libellus*, in cui si crea senza compilare; l'*anthologia*, in cui si compila per creare."

7 Os mais antigos usos da palavra ἐπίγραμμα estão relacionados a inscrições funerárias e votivas. Ver Puelma 1997: 190. Para a pré-história do gênero, ver Fantuzzi e Hunter 2002: 389-397.

8 Ver Gutzwiller 1996a: 119.

9 Ver Argentieri 1998: 7; Gutzwiller 1998: 41.

10 Ver Rossi 2001: 361.

11 Sobre a paternidade e datação dos epigramas, ver a discussão em Rossi 2001: 355-359.

12 Ver Gow 1952: 523.

13 *Apud* Gutzwiller 1996a: 140, n. 66. Desde então segue-se a tripartição dos epigramas, à exceção de Rossi 2001: 367, que propõe separar o epigrama 1 da seção bucólica, porque entende que ele seja prêmio à coleção.

14 Sobre a espécie epigramática bucólica, caracterização que não se encontra em fontes antigas, ver discussão em Rossi 2001: 29-62, com bibliografia. Ao definir bucólicos os epigramas que "deal with the pastoral world and that consequently have as protagonists shepherds, cowherds and goatherds", além da possível presença de ovelhas ou vacas, divindades ligadas ao mundo pastoral, o *locus amoenus* e a siringe (p. 34), Rossi exclui da seção bucólica o epigrama 1. Adiante voltarei a discutir a classificação deste poema. Porém, para a crítica a essa definição, ver Stanzel 2007: 335, que a considera muito restrita, ao separar rústico e bucólico. Anite é considerada a "inventora" da espécie (ver Rossi 2001: 53; Stanzel 2007: 333).

bucólicos¹⁵; 17-22 – epigramas em diferentes metros, sem o uso do distíco elegíaco¹⁶ (todos dedicados a poetas à exceção do 20¹⁷). Tal disposição, que parece ter paralelo com a dos *Idílios* preservada no códice *PAntinoae* (idílios bucólicos em hexâmetros, idílios não bucólicos em hexâmetros e poemas eólicos)¹⁸, permite pensar a organização interna das três seções¹⁹, o que pretendo fazer a seguir, limitando-me à primeira (epigramas 1-6), de epigramas bucólicos com o proêmio da recolha.

O Proêmio

O caráter proemial do epigrama 1 já foi bem comentado pelos estudiosos²⁰, assim como o entendimento do poema como inscrição para obra de arte²¹ já foi questionado²². Parece-me, porém, importante aprofundar leitura de Gutzwiller (1998: 43) quanto à imagem das flores em poemas introdutórios de coleções epigramáticas, tais como provavelmente foram AP 9.313 para Anite, AP 6.300 para Leônidas e AP 5.170 para Nósside, e certamente AP 4.1 foi para Meléagro, que associa claramente, na *Guirlanda*, poetas a flores. Antes de mais nada, flores e árvores assim aparecem no epigrama 1, atribuído a Teócrito:

1 Gow (AP 6. 336 = 5 G.-P.)

τὰ ρόδα τὰ δροσόεντα, καὶ ἅ κατὰπυκνος ἐκεῖνα
 ἔρπυλλος κεῖται ταῖς Ἑλικωνιάσιν
 ταὶ δὲ μελάμφυλλοι δάφναι τίν, Πύθιε Παιάν,
 δελφίς ἐπεὶ πέτρα τοῦτό τοι ἀγλαΐσεν.
 βωμὸν δ' αἰμάξει κεραὸς τράγος οὗτος ὁ μᾶλος,
 τερμίνθου τρώγων ἔσχατον ἀκρεμόνα.

5

15 À exceção do epigrama 14, ver a discussão sobre as espécies dos epigramas votivos e tumulares em Rossi 2001: 3-13. Para a alternância entre estas espécies, entre o epigrama 7 e o 12, ver Gutzwiller 1998: 44, em que apresenta paralelo com outro livro epigramático, *P. Köln* 5.204, que contém seis epigramas de Mnasalces.

16 Metro mais frequente no gênero.

17 17 dedicado a Anacreonte, 18 a Epicarmo, 19 a Hipónax, 21 a Arquíloco e 22 a Pisandro. Para estudo dos epigramas sobre poetas, ver Rossi 2001: 81-106.

18 Ver discussão em Gutzwiller 1996a: 139-142.

19 Como faz, por exemplo, Gutzwiller 1998: 42-45 e Rossi 2001:367-375.

20 Tarditi 1988: 47; Gutzwiller 1998: 43; Rossi 2001: 124-125; 367. Rossi enfatiza tal caráter e critica a classificação como bucólico.

21 Ver Gow 1952: 527, que considera os três primeiros da mesma maneira.

22 Remeto a Rossi 2001: 65-73.

As rosas orvalhadas e aquele serpilho
denso são para as Musas do Helicão;
p'ra ti, Pítio Peã, louros de negra folha,
pois orna-se com isso a rocha délfica;
este cornuto bode alvo o altar vai manchar, 5
que come do t'rebinto ramo extremo²³.

De acordo com Gutzwiller (1998: 43), “the use of vegetable symbolism in a preamble to characterize the collected epigrams” teria sido uma prática editorial introduzida já pelos epigramatistas do século III a.C. Como possível exemplo desta prática, a estudiosa norte-americana menciona o epigrama que pode ter introduzido a coleção de Nósside (1 G-P = AP 5.170)²⁴:

ἄδιον οὐδὲν ἔρωτος, ἃ δ' ὄλβια, δεύτερα πάντα
ἐστὶν ἀπὸ στόματος δ' ἔπτυσσεν καὶ τὸ μέλι.
τοῦτο λέγει Νοσσίς: τίνα δ' ἂ Κύπρις οὐκ ἐφίλασεν,
οὐκ οἶδεν κῆνα γ' ἄνθεα ποῖα ῥόδα.

Nada é mais doce do que o amor; todos prazeres
vêm depois; mel também cuspi da boca.
Isto diz Nósside: a quem Cípris não amou,
não conhece quais rosas são suas flores²⁵.

O caráter proemial do epigrama, encabeçando um provável *libellus* pode ser defendido não só pelo nome da autora, a presença do priamel e das rosas (v. 4: ῥόδα), que identificam a filiação à poesia erótica de Safo²⁶, mas também pelo adjetivo ἄδιον, que, abrindo o poema, tenha talvez caráter programático. Da mesma maneira, considera-se AP 5.169 (= 1 G-P), pelo ἡδύ inicial, repetido em anáfora (v.1-3: ἡδὺ ... ἡδὺ ... ἡδιον ...), e pelo priamel que celebra o amor²⁷, o primeiro poema de um possível *libellus* de

23 As traduções sem indicação de autor são minhas.

24 Ver também Argentieri 1998: 6-7; Gutzwiller 1998: 75-78; Guichard 2004: 75; 142.

25 Sobre a discussão e o entendimento do v. 4, ver Gow and Page 1965: 435-6; Degani 1993: 211, com bibliografia.

26 Meléagro, por exemplo, assim identifica Safo [AP 4.1.6: ... καὶ Σαπφούς βαῖα μὲν, ἀλλὰ ῥόδα (e poucas flores de Safo, mas rosas)]. O priamel pode retomar o fr.16 V de Safo. Para a relação entre Nósside e Safo, ver também Gow and Page 1965: 434-435. O caráter erótico da poesia de Nósside é identificado na *Guirlanda de Meléagro* [AP 4.1.10: Νοσσίδος, ἥς δέλτο ις κηρὸν ἔτηξεν Ἔρωτος (de Nósside, para cujas tabuinhas Éros fundira cera)].

27 Sobre a relação entre os dois epigramas, o de Nósside e de Asclepiades, não se tem certeza qual seria o modelo, mas é provável que um tivesse o poema do outro em mente ao compor (ver Sens 2011: 3). Embora o priamel seja prática comum, como ressalta Sens (2011: 1),

Asclepiádes²⁸, que serviu de modelo ao programático Idílio 1 de Teócrito²⁹:

ἡδὺ θέρους διψῶντι χιῶν ποτόν ἡδὺ δὲ ναύταις
 ἐκ χειμῶνος ἰδεῖν εἰαρινὸν Στέφανον:
 ἡδῖον δ' ὁπότεν κρύψει] μία τοὺς φιλέοντας
 χλαῖνα, καὶ αἰνῆται Κύπρις ὑπ' ἀμφοτέρων.

Doce bebida é, no verão, neve ao sedento;
 ver Guirlanda vernal é doce aos nautas,
 pós o inverno; mais doce quando uma só manta
 cubra os amantes e ambos louvem Cípris.

No poema de Asclepiádes, embora não haja uma flor específica, menciona-se a “Guirlanda primavera” (v. 2: εἰαρινὸν Στέφανον)³⁰, em que as flores estão implicadas. Assim Meléagro, pelo *termo* στέφανος (AP 4.1.2: ... στέφανον), caracterizará sua ἀνθολογία, sua recolha de flores-poetas. Do confronto dos epigramas de Nósside e do poeta de Samos, destaco ainda a presença de Afrodite (Κύπρις: AP 5.170.3; AP 5.169.4), que por metonímia significa o amor, matéria destacada nos epigramas, mais doce do que as outras coisas mencionadas.

Vistos os poemas de Nósside e Asclepiádes, entendidos como proemiais, sejam de seção de um *libellus*, seja do próprio *libellus*, volto ao epigrama 1 atribuído a Teócrito, em que, embora não haja priamel e comparação para ressaltar uma matéria, há dois outros elementos importantes destacados acima: 1) as flores (a rosa mencionada em Nósside e a Guirlanda, em Asclepiádes), e 2) a divindade (apenas Afrodite mencionada por ambos).

Em relação ao primeiro aspecto, no epigrama 1, há mais de uma referência vegetal: “as rosas”, abrindo o poema (v. 1: τὰ ῥόδα); “serpilho” (v. 2: ἔρπυλλος); “os louros” (v. 3: δάφναι), e o terebinto (v. 6: τερμίνθου). Os três primeiros (rosa, serpilho e louro) são oferendas aos deuses e o

caracteriza, por exemplo, o proêmio da recolha lírica horaciana (*carm.* 1.1) e o proêmio do segundo livro de Lucrécio (2.1-13), em que se encontram os adjetivos *suaue* e *dulcius* (para a comparação com Asclepiádes, ver Gutzwiller 1998: 129-130).

28 Ver Gutzwiller 1998: 128-130; Guichard 2004: 139-142; Sens 2011: 2. Para a possibilidade de ser o início de seção, ver Sens 2011: xcii. No entanto, seja proêmio de um livro ou abertura de seção, parece consenso o caráter programático do poema.

29 Ver Gutzwiller 1998: 72; Guichard 2004: 15-17; 142; Sens 2011: 3. O Idílio 1 de Teócrito também é iniciado pelo mesmo adjetivo na forma dórica (ἁδὺ), seguido de anáfora (v. 1-7: ἁδὺ ... ἁδὺ ... ἁδῖον). Ver o v.2 do epigrama 5, em que aparece também o adjetivo sem repetição.

30 É referência à “Guirlanda de Ariadne”, “*Corona Borealis*, whose evening rising early in March might serve to mark the beginning of spring” (Gow and Page 1965: 118).

último (terebinto) é alimento do bode que será ofertado. A variedade dos vegetais³¹ poderia sugerir, em confronto aos outros epigramas vistos, a ποικιλία³² que caracteriza a recolha desses poemas atribuídos a Teócrito; variedade não só de matéria (votivos e tumulares bucólicos, 1-6, e não bucólicos, 7-16, por exemplo), mas também de metro (terceira seção, 17-22, em que não se usa o dístico elegíaco das duas primeiras seções, variando sempre o esquema métrico).

Quanto ao segundo aspecto, no poema atribuído a Teócrito, há a ofrenda não só a Musas do Helicão (v. 2: ταῖς Ἑλικωνιάσιν), mas também a Apolo (v. 3: Πύθιε Παιάν), ambos ocupando a posição final de versos contíguos. Em comparação com os epigramas de Nósside e de Asclepiades, há novamente variedade neste epigrama votivo, ao mencionar as heliconíades e o “Pítio Peã”, divindades tutelares da poesia, e não apenas um deus, Afrodite, no caso dos outros dois epigramas analisados.

A presença de Febo e das filhas de Mnemósine merece atenção mais detida. Rossi (2001: 122, n. 9) julga que, embora seja inegável a relação de Apolo com o mundo dos pastores, o “Pítio Peã” aqui, pela associação com as Musas, só pode ser entendido como deus da poesia³³. Por outro lado, parece-me inegável também que a presença de Apolo, sem menção às Musas, cumpre papel proemial em âmbito helenístico em diversos gêneros, seja em livros dos próprios poetas, como nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (1.1: ἀρχόμενος σέο, Φοῖβε, παλαιγενέων κλέα φωτῶν) ou nos *Iambos* de Calímaco (fr. 191 Pf., 26: ὥπολλον, ὦ|νδρες, ὥς | παρ’ αἰπόλῳ μυῖαι), seja na edição helenística dos poetas arcaicos, como a de Alceu feita por Aristarco ou Aristófanes³⁴ (fr. 307 V: ὦναξ Ἄπολλον, παῖ μεγάλῳ Δίος). Assim, de fato, embora Rossi (2001: 122) não mencione esses paralelos épico, iâmbico e lírico, a mera presença de Apolo talvez não seja suficiente para caracterizar o epigrama 1 como bucólico. No entanto, a meu ver, se até mesmo o sacrifício do bode (τράγος) no dístico final também não o caracterize como bucólico, é possível, ainda assim, elencar outros elementos que apontam para o mundo pastoril.

31 De acordo com Gutzwiller (1998: 43), “post-Meleagrian readers would easily interpret the roses and thyme offered to the Muses and the laurel offered to Apollo as symbols of the poems within the collection, just as the plants mentioned in Meleager’s preamble stand for the epigrammatists in his anthology”. Para a crítica a essa leitura, ver Rossi 2001: 124-5.

32 Sobre a variedade como princípio na organização das recolhas, ver Gutzwiller 1998: 9-10, com bibliografia, e o paralelo não só com os livros helenísticos, tais como os *Iambi* de Calímaco, mas também com os livros romanos da época de Augusto, tais como os de Horácio, Virgílio e Propércio.

33 Para a menção das divindades juntas, cita Hesíodo, *Teogonia*, 94 e ss.

34 Ver Pardini 1991: 259-258.

Para tanto, é importante, antes de mais nada, entender o epigrama 1 no conjunto da recolha, ou seja, numa συλλογή cuja primeira seção é claramente bucólica. Embora a explicação da passagem de um poema a outro, proposta por Gutzwiller (1998: 43-44), tenha problemas³⁵, é consensual o entendimento do grupo 2-6 como bucólico. Ora, nesta seção, é clamorosa a presença do poeta-pastor por excelência, Dáfnis, mencionado nos epigramas 2-5 (2.1, em que o nome abre o poema; 3.1; 4.14; 5.4). E ainda que no estratégico poema 1 Dáfnis não seja explicitamente mencionado, ele é implicado por metonímia, já que os louros ofertados a Apolo (v. 3: δάφναι) ecoam por paronímia o nome do pastor (Δάφνις), presente por quase toda a seção. Destaco ainda a presença dos louros no epigrama 4 (v.7: δάφναις καὶ μύρτοις καὶ εὐώδεϊ κυπαρίσσῳ), estabelecendo a relação no interior da própria seção bucólica. Por isso, embora associação de Apolo ao louro seja tópica³⁶, a oferta da planta (δάφναι) ao deus sugere o que se segue: epigramas em que se menciona Dáfnis (Δάφνις).

Se, por um lado, a relação de Apolo com o mundo pastoral é bem atestada, não se pode esquecer, por outro, de um vínculo importante na tradição poética entre as Musas e um pastor-poeta: a célebre iniciação de Hesíodo descrita na *Teogonia* (22-28):

αἶ νύ ποθ' Ἡσίοδον καλὴν ἐδίδαξαν αἰοιδῆν,
 ἄρνας ποιμαίνονθ' Ἑλικῶνος ὑπο ζαθέοιο.
 τόνδε δέ με πρῶτιστα θεαὶ πρὸς μῦθον ἔειπον,
 Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο: 25
 ποιμένες ἀγραυλοὶ, κάκ' ἐλέγχεα, γαστέρες οἶον,
 ἴδμεν ψεύδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα,
 ἴδμεν δ', εὖτ' ἐθέλωμεν, ἀληθέα γηρύσασθαι.

Elas um dia a Hesíodo ensinaram belo canto
 quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino.
 Esta palavra primeiro disseram-me as Deusas
 Musas olimpiades, virgens de Zeus porta-égide: 25
 “Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só,
 sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos
 e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações”³⁷.

Ora, a iniciação não só se dá no monte Helicão (v. 23: Ἑλικῶνος),

35 Ver Rossi 2001: 368, n.32.

36 Ver Rossi 2001: 364-5, em que contesta algumas imitações virgilianas nos epigramas atribuídos a Teócrito, apontadas por Gutzwiller 1996b: 93-94.

37 Tradução Jaa Torrano em Torrano 1995: 107.

referido logo no início da *Teogonia* duas vezes (vv. 1-2: μουσᾶν Ἑλικωνιάδων ἀρχώμεθ' αἰεΐδειν, / αἴθ' Ἑλικῶνος ἔχουσιν ὄρος μέγα τε ζάθεόν τε), como também se enfatiza o mundo pastoril (v. 23: ποιμαίνονθ'; v. 26: ποιμένες). Assim, é possível pensar, no epigrama 1 atribuído a Teócrito, a menção às Musas do Helicão (v. 2: ταῖς Ἑλικωνιάσιν) em referência ao mundo pastoril, já que Hesíodo era importante modelo para os poetas helenísticos³⁸. Além disso, a presença conjunta das Musas e Apolo no epigrama 1 (vv. 2-3) também ocorre na *Teogonia* (v. 94: ἐκ γάρ τοι Μουσέων καὶ ἐκηβόλου Ἀπόλλωνος). Portanto, há possibilidade de ver nas divindades e nas oferendas do epigrama 1 atribuído a Teócrito referência ao mundo pastoril, abrindo a συλλογὴ e anunciando a primeira seção bucólica cujo primeiro epigrama é também votivo em que Dáfnis, o poeta-pastor por excelência³⁹, ao cantar hino bucólico em bela siringe, dedica a Pã as ferramentas de trabalho⁴⁰:

2 Gow (AP 6.177 = 6 G.-P.)

Δάφνις ὁ λευκόχρως, ὁ καλᾷ σύριγγι μελίσδων
 βουκολικούς ὕμνους, ἄνθετο Πανὶ τάδε:
 τοὺς τριτοὺς δόνακας, τὸ λαγωβόλον, ὅξυν ἄκοντα,
 νεβρίδα, τὰν πήραν, ᾗ ποτ' ἔμαλοφρεί.

Dáfnis, de branca tez, que em bela sirinx canta
 bucólico hino, a Pã dedicou isto:
 dardo agudo, o cajado, os caniços furados,
 pele de cervo e alforje pra as maçãs⁴¹.

A abertura da primeira seção, ao imitar os *Idílios* de Teócrito⁴², insere no epigrama votivo elementos bucólicos⁴³, com destaque para o pastor-po-

38 Lembro apenas AP 9.507, epigrama de Calímaco dedicado a Arato, em que louva Hesíodo, que não deve ser considerado entre os últimos poetas, mas o mais melífluo: Ἡσιόδου τό τ' αἶσιμα καὶ ὁ τρόπος: οὐ τὸν αἰοιδῶν / ἔσχατον, ἀλλ' ὁκνέω μὴ τὸ μελιχρότατον / τῶν ἐπέων ὁ Σολεὺς ἀπεμάτατο: χαίρετε λεπταὶ / ῥήσεις, Ἀρήτου σύμβολον ἀγρυπνίης (De Hesíodo é o canto e o modo. Temo, não no aedo / último, porém sim na mais melíflua/ épica se moldou o poeta Sólio. Salve / gráceis versos, vigília e afã de Arato. Tradução João Angelo Oliva Neto).

39 Ver Gow 1952: 1-2; Hunter 1999: 60-68; Hasegawa 2012: 36-38; 168. Em oposição a esta tradição parece estar Calímaco (AP 7.518 = 22 Pf.), ao propor cantar o cabreiro Astácides no lugar do vaqueiro Dáfnis. Sobre o epigrama ver Larson 1997; Rossi 2001: 47-48.

40 Ver Gutzwiller 1998: 43.

41 A parte final do último verso: “alforje, em que outrora carregava maçãs”.

42 Ver Rossi 2001: 138-139, com destaque para o programático *Idílio* 1, em que Tírsis canta sobre Dáfnis.

43 A conclusão de Rossi (2001: 137): “In conclusion, this epigram belongs to the bucolic type contaminated with the votive sub-genres of dedications of tools and offerings by mythical

eta, Dáfnis, primeira palavra da composição e personagem mencionada em quase todos os poemas do conjunto (2-5), como indicado acima. Embora a caracterização da personagem como caçador, pelas oferendas mencionadas, seja estranha na tradição⁴⁴, parece claro tratar-se de epigrama bucólico e ao mesmo tempo votivo, a caracterizar a mescla genérica da συλλογή.

É importante destacar ainda o verbo com que se encerra esse epigrama: ἐμαλοφόρει. O pastor dedica o alforje (πήραν) em que outrora (ποτ') carregava as maçãs (ἐμαλοφόρει). O fruto em questão tem grande importância no âmbito erótico⁴⁵ e, portanto, é possível ver na última palavra do epigrama 2, que caracteriza Dáfnis possivelmente como ἐραστής, a passagem para o seguinte, o epigrama 3, em que a personagem agora é ἐρώμενος, assim como está caracterizado no epigrama 4.

Priapo e a Matéria Erótica

Ao epigrama em que Dáfnis, caracterizado como caçador, dedica seus instrumentos a Pã, cantando hino bucólico, seguem-se dois em que se introduz matéria erótica⁴⁶; o primeiro é o epigrama 3, em que Pã e Priapo perseguem, com intenção sexual, o caçador Dáfnis, que dorme; o segundo é o epigrama 4, em que se ordena a um cabreiro que rogue a Priapo para se livrar do amor por Dáfnis:

3 Gow (AP 9.338 = 19 G.-P.)

εὖδεις φυλλοστρώτι πέδῳ, Δάφνι, σῶμα κεκμακὸς
 ἀμπαύων στάλικες δ' ἄρτιπαγεῖς ἀν' ὄρη.
 ἀγρεύει δέ τυ Πάν, καὶ ὁ τὸν κροκόεντα Πρίηπος
 κισσὸν ἐφ' ἡμερτῷ κρατὶ καθαπτόμενος,
 ἄντρον ἔσω στείχοντες ὁμόρροθοι. ἀλλὰ τὸ φεῦγε, **5**
 φεῦγε, μεθείς ὕπνου κῶμα καταρχόμενον.

dedicators. Concerning the figure of Daphnis, then, the composition juxtaposes the Theocritean tradition and that probably derived from a source that followed a different version of the myth”.

44 Ver discussão em Rossi 2001: 134-137.

45 Ver, por exemplo, Theoc. 3.10; Catul. 65.19; Verg. *Ecl.* 3.70-71; Prop. 1.3.24. Para outras referências, ver Hunter 1999: 113-114. Na *AP*, ver 5.79 e 5.80, os epigramas eróticos atribuídos a Platão.

46 Gutzwiller (1998: 43) ressalta o tema sexual em 3 e 4: “The fourth poem moves the sexual theme from the gods to the world of a herdsman, who prays for relief from his passion for Daphnis”.

Dormes, Dáfnis; no chão folhado jaz teu corpo
 lasso; no cume estacas tendem redes.
 Mas Pã é quem te caça, com Priapo (a testa
 linda de hera e açafraão!). Entram na gruta
 e têm um só intento. Então vai, foge, afasta 5
 o sono e este torpor que vêm chegando⁴⁷.

4 Gow (AP, 9.437 = 20 G.-P.)

τήναν τὰν λαύραν, ὅθι ται δρύες, αἰπόλε, κάμψας,
 σύκινον εὐρήσεις ἀρτιγλυφές ξόανον,
 τρισκελές, αὐτόφλοιον, ἀνούατον: ἀλλὰ φάλητι
 παιδογόνῳ δυνατὸν Κύπριδος ἔργα τελεῖν. 5
 ἔρκος δ' εὐίερρον περιδέδρομεν ἀέναον δὲ
 ῥεῖθρον ἀπὸ σπιλάδων πάντοσε τηλεθάει
 δάφναις καὶ μύρτοισι καὶ εὐώδει κυπαρίσσῳ,
 ἔνθα πέριξ κέχυται βοτρυνόπαις ἔλικι
 ἄμπελος: εἰαρινοὶ δὲ λίγγυφθόγγοισιν αἰοδαῖς
 κόσσυφοι ἀχεῦσιν ποικιλότραυλα μέλη: 10
 ξουθαὶ δ' ἄδονίδες μινυρίσμασιν ἀνταχεῦσαι
 μέλπουσι στόμασιν τὰν μελίγηρυν ὅπα.
 ἔξεο δὴ τηνεῖ, καὶ τῷ χαρίεντι Πριάπῳ
 εὐχου ἀποστέρξαι τοὺς Δάφνιδός με πόθους,
 κεύθους ἀπορρέξαι χίμαρον καλόν. ἦν δ' ἀνανεύη,
 τοῦδε τυχῶν ἐθέλω τρισσὰ θύη τελέσαι: 15
 ῥέξω γὰρ δαμάλαν, λάσιον τράγον, ἄρνα τὸν ἴσχω
 σακίταν νεύοι δ' εὐμένεως ὁ θεός.

Verás, dobrando aquela trilha onde há carvalhos,
 cabreiro, um novo entalhe de figueira,
 toscos, com casca, sem orelha mas, co'falo
 gera-filho, capaz de encargos Cíprios. 5
 Circunda-lhe sagrada cerca, eterno arroio
 das penhas flui e em toda parte enflora
 louros, mirtos, cheirosos ciprestes; e ali
 em torno a vinha espalha as uvas, suas
 filhinhas e primaveris ecoam melros
 canções com voz aguda em mil chilreios. 10
 Sonoros rouxinóis das bocas gorjeantes,
 soltando a voz de mel, devolvem chilros.
 Pois senta lá e roga ao gracioso Priapo
 que não me toque mais o amor por Dáfnis,
 que logo um belo bode imolo. Se negar, 15
 me dando Dáfnis, triplo é o sacrifício:
 uma novilha, um bode hirsuto, mais a ovelha,
 do meu redil: que bem o acolha o deus.

47 A tradução dos epigramas 3 e 4 é de João Angelo Oliva Neto. *Apud* Oliva Neto 2006: 180-183.

Rossi, ao discutir a caracterização do epigrama 3 como bucólico, considera anômala a presença de Priapo⁴⁸. Parece-me, desde logo, que a estranheza se dê, apenas se se pensa o poema na tradição epigramática, já que a presença de Priapo no gênero bucólico, relacionado a Dáfnis, ocorre no Idílio 1 de Teócrito duas vezes, uma quando os pastores se sentam diante de estátua do deus (v. 21: δεῦρ' ὑπὸ τὰν πετέλειαν ἐσδώμεθα, τῷ τε Πριήπῳ), outra quando Priapo comparece no canto de Tírsis dialogando com Dáfnis e rebaixando o boiadeiro em cabreiro (vv. 80-91)⁴⁹. Assim a aparição de Priapo não é anômala em um epigrama bucólico⁵⁰.

Além disso, embora a fonte seja tardia, Nono Abade, em escólio aos *Discursos contra Juliano* de Gregório de Nazianzo⁵¹, narra que Priapo foi criado por pastores, o que o caracteriza como personagem bucólica:

“Sobre Priapo, esta é a história: dizem que Afrodite, quando voltou da Etiópia, assumira uma beleza tão incrível, que o próprio Zeus foi tomado de desejo por ela e, unindo-se-lhe, produziu ciúme interminável em Hera. De imediato, então, Hera, pressentindo o que viria e por prever que uma criança nascida de Afrodite superaria em beleza e dominaria todos os filhos de Zeus, agarrou o ventre de Afrodite e, median-te sortilégio, tramou para que a criança nascesse disforme. Nascendo disforme e toda obscena, feia e obesa, a mãe, ao ver que o que havia gerado lhe traria a maior vergonha, pegou da criança e lançou-a numa montanha. Um **pastor** (ποιμήν), encontrando-a por acaso, apanhou-a e alimentou-a. Julgando que para a fertilidade da terra, dos jumentos e quadrúpedes contribuía a afecção existente naquele ser (refiro-me às partes pudendas: pois tinha-as acima do ânus), depois de o recolher, assentou-o, prestou-lhe honrarias e chamou Priapo, isto é, em língua latina, aquele que, salvo do extravio, salva aqueles que se extraviavam nos lugares ermos. Desde então, dizem, Priapo é honrado pelos **pastores** (ποιμένες)”.

48 Rossi 2001: 147: “... the appearance of Priapus, normally present in epigrams that are rural in context, but completely absent in bucolic ones, is anomalous.” Em seguida (p. 151), procura entendê-la em referência ao Idílio 1 de Teócrito.

49 Para Priapo no Idílio, ver Hunter 1999: 74-74; 90-94; Oliva Neto 2006: 326; Hasegawa 2012: 178-179.

50 Ver Rossi 2001: 151.

51 *Patrologia Graeca* (Migne), 36, 34, 1052-1053, a, b, c: *apud* Oliva Neto 2006: 66-67. Tradução de João Angelo Oliva Neto; os negritos são meus.

No entanto, como propõe Oliva Neto (2006: 199) ao tratar da *Priapeia Grega*, parece haver, tanto no epigrama 3 como no 4, confluência genérica: além da espécie bucólica⁵², o suposto gênero priapeu⁵³ e o epigrama pedestrático. Porém, como diferença genérica importante de um para o outro, o epigrama 4 também dialoga de modo risível⁵⁴ com a espécie votiva (vv. 13-18)⁵⁵. Seja como for, o que parece claro não só na recolha geral, mas também nesta primeira parte, é a mescla genérica, presente como princípio de composição importante para os helenísticos e seus seguidores⁵⁶.

Antes de passar ao epigrama 5, é preciso ainda tratar da relação dos três primeiros da seção bucólica (2-4): se no primeiro (epigrama 2) o pastor (Dáfnis) se dirige a um deus (Pã) e no segundo (epigrama 3), inversamente, deuses (Pã e Priapo) se dirigem, com intenção sexual, ao pastor (Dáfnis), agora (epigrama 4) há um pastor (um cabreiro) que se dirige a um deus (Priapo) para afastar o amor por outro pastor (Dáfnis). É possível, portanto, esquematizar a sequência, em que o poeta-pastor por excelência está sempre presente, da seguinte maneira: homem-deus; deuses-homem; homem-deus-homem, lembrando, por fim, a possível passagem de ἐραστής, no epigrama 2, para ἐρώμενος, nos epigramas 3 e 4, ou seja, passa de “caçador” a “caçado”.

52 Para a caracterização da espécie, vale destacar o *locus amoenus* (5-12), o endereçamento ao cabreiro (v. 1: αἰπόλε) e a presença de Dáfnis (v. 14: Δάφνιδός).

53 Para o gênero, ver Oliva Neto 2006: 81-120; para os dois epigramas, ver esp. 86-88, em que enfatiza o “rebaixamento na elocução” dos poemas (sobre a elocução simples do epigrama 4, “quase prosaica”, ver Rossi 2001: 161-163). Associa ainda o epigrama 3 aos epigramas descritivos, situados no livro 9 da *Antologia Palatina* (ver imagem a que se associa em Oliva Neto 2006: 147, figura 45). Para a discussão da classificação como “descritivo”, ver Rossi 2001: 141-146; 153-154 (para o epigrama 4).

54 Priapo concorre para o ridículo do epigrama.

55 Ver Rossi 2001: 163-165; Oliva Neto 2006: 199, n. 44.

56 Para mistura de gêneros, ver Rossi 1971: 84-86. Nos textos críticos, para designar mescla genérica, é convencional usar a expressão “*Kreuzung der Gattungen*”, cunhada por Wilhelm Kroll, em 1924. Há quem use o termo πολυειδεια, que aparece na διήγησις (IX 34 Pf.) ao *Iambo* 13 de Calímaco (fr. 203 Pf.). No entanto, não é claro na passagem se a variedade genérica se refira apenas ao livro de *Iambos* ou a toda obra do poeta. Para a discussão, em que se defende a última interpretação, ver Dawson 1950: 130 e ss. e Fantuzzi 1991: 47-51, retomados por Lelli 2004: 125-127, e Scodel 1987: 208, retomada por Acosta-Hughes 2002: 82-89. Para a primeira interpretação, ver Rossi 1971: 83-84 e Kerkhecker 1999: 262. Seja como for, a polêmica de Calímaco, que defende a πολυειδεια e a poesia produzida pela τέχνη, faz referência a um passo do *Ion* de Platão (531e-534e), em que se diz ser o poeta, inspirado pela Musa, capaz de compor bem em um único gênero.

Dáfnis, o Vaqueiro

No último poema em que se menciona Dáfnis, que, junto com outros pastores, acordará Pã (epigrama 5), volta-se à sua primeira aparição (epigrama 2), em que Dáfnis dedica seus instrumentos a Pã, concluindo com fechamento em anel a presença, na recolha epigramática, do poeta-pastor. No entanto, Dáfnis agora está caracterizado de maneira tradicional, como vaqueiro ou boiadeiro (v.3: βωκόλος), já não como caçador, a exemplo dos epigramas anteriores (2 e 3):

5 Gow (AP 9.433 = 21 G.-P.)

Δῆς, ποτὶ τᾶν Νυμφᾶν, διδύμοις αὐλοῖσιν αἰεῖσαι
 ἄδῃ τί μοι; κήγῳ πακτίδ' αἰεράμενος
 ἄρξευμαι τι κρέκειν: ὁ δὲ βωκόλος ἐγγύθεν ἄσει
 Δάφνις, κηροδέτῳ πνεύματι μελπόμενος.
 ἐγγυς δὲ στάντες λασιαύχενος ἐνδοθεν ἄντρου
 Πᾶνα τὸν αἰγιβάταν ὄρφανίσωμες ὕπνου. 5

Desejas, pelas Ninfas, cantar-me algo doce,
 em duplos aulos? Vou tomar a lira⁵⁷
 e encetar a tocá-la, e Dáfnis, o vaqueiro,
 conosco, vai nos encantar co'a flauta⁵⁸.
 Junto ao frôn-deo carvalho, atrás da gruta, vamos 5
 privar do sono Pã, o monta-cabra.

Este epigrama é exemplo, mais uma vez, de mistura genérica, em que a matéria bucólica se insere no epigrama em forma de convite, característica dos epigramas simpóticos, como descrito por Rossi (2001: 170)⁵⁹.

Um aspecto, porém, ainda não comentado na sequência dos epigramas em que aparece o pastor Dáfnis (2-5) é o progressivo afastamento da cena principal, como marca editorial: no epigrama 2, Dáfnis, primeira palavra do poema, dedica seus instrumentos a Pã; no epigrama 3, o papel ativo já não é do pastor, que dorme, mas dos deuses, Pã e Priapo, que o procuram; no epigrama 4, novamente, Dáfnis já não tem papel ativo, mas, ao contrário, um cabreiro pede que Priapo o livre do amor que tem por Dáfnis; no epigrama 5, dois pastores ocupam a cena e menciona-se que Dáfnis se juntará a eles para despertar Pã.

57 Para a lira (πακτίς: instrumento de corda), ver discussão em Rossi 2001: 169-173.

58 Flauta: sîrinx ou flauta de Pã. No original grego, κηροδέτῳ πνεύματι pode ser traduzido, de modo mais literal, “com o sopro das canas ligadas por cera”. Deixei de lado na tradução μελπόμενος (“cantando”).

59 Menciona um epigrama de Filodemo (AP 11.44), que pode ter sido modelo para o poema 13 de Catulo, em que convida, jocosamente, Fabulo para um banquete.

Outra marca editorial ainda não observada é a alternância⁶⁰ neste conjunto em que aparece o poeta-pastor por excelência: se, por um lado, pode-se relacionar o epigrama 2 (oferendas a Pã) com o 4 (oferendas a Priapo), em que há características do gênero votivo, há, por outro lado, elementos narrativos⁶¹ nos epigramas 3 e 5 que os unem: no primeiro, Dáfnis dorme, enquanto Pã e Priapo o procuram; no segundo, Pã dorme, enquanto os pastores, inclusive Dáfnis, se preparam para acordá-lo.

Por fim, destaca-se neste ciclo de epigramas dedicado a Dáfnis, que ele aparece representado como cantor no início, epigrama 2.1-2, em que canta na bela siringe bucólico hino, e no fim, epigrama 5.3-6, em que vai se juntar a outros pastores para despertar Pã com música.

A Morte Como Conclusão

Não parece convincente⁶² a relação do epigrama 5 com o epigrama 6, comentada por Gutzwiller (1998: 43-44), que se vale do *Idílio* 1 de Teócrito, presente como modelo em ambos⁶³. O primeiro verso do epigrama 5 (Λῆς, ποτὶ τᾶν Νυμφῶν, διδύμοις αὐλοῖσιν ἀεῖσαι) é imitação do verso 12 do *Idílio* 1 (λῆς ποτὶ τᾶν Νυμφῶν, λῆς αἰπόλε τῷδε καθίξας). Ora, o verso em Teócrito é pronunciado por Tírsis, e, portanto, o epigrama 5 prepararia o epigrama 6, em que a *persona loquens* se dirige a Tírsis, triste pela perda da cabrita:

6 (AP 9.432 = 22 G.-P.)

ὦ δέιλαιε τὸ θύρσι, τί τοι πλέον, εἰ καταταξεῖς
δάκρυσι διγλήνως ὥπας ὀδυρόμενος;
οἴχεται ἄ χίμαρος, τὸ καλὸν τέκος, οἴχετ' ἔς ἄδαν:

60 Para esta característica na organização nos *Iambi* de Calímaco, ver Kerkhecker 1999: 284-285, em que relaciona os iambos 2 e 4, de um lado, em que se usa o αἶνος, e os iambos 3 e 5, de outro, em que há matéria erótica. Para a relação entre os iambos 2 e 4, ver também Acosta-Hughes e Scodel 2004: 9-12. Em âmbito latino (ver Nisbet e Hubbard 1978: 5), no segundo livro das *Odes* de Horácio, alternam-se estrofes alcaicas e sáficas até 2.11, como é bem conhecido; nas *Bucólicas* de Vergílio e Calpúrnio, alternam-se éclogas dramáticas e narrativas; na *Priapeia latina*, alternam-se (1-14) distícos elegíacos e hendecassílabos falécios. Na própria recolha dos epigramas atribuídos a Teócrito, aparece de novo esta marca editorial (ver nota 12 acima).

61 Embora preocupada com outras questões, a observação é de Rossi 2001: 169: “Therefore, just as in the case of epigram 3, this composition [epigrama 5] should also be considered not descriptive, but *narrative*, since it recounts na episode, enumerating in order the sucession of its various phases”.

62 A crítica já em Rossi 2001: 368: n. 32.

63 Ver Rossi 2001: 173-177, para o epigrama 5, e 184-186, para o epigrama 6.

τραχὺς γὰρ χαλαῖς ἀμφεπίαξε λύκος:
αἱ δὲ κύνες κλαγγεῦντι. τί τοι πλέον, ἀνίκα τήνας 5
ὅστιον οὐδὲ τέφρα λείπετ' ἀποικομένας;

Ah, Tírsis infeliz, que proveito há se as duas
pupilas por tuas lágrimas consomes?
Foi-se a cabrita, a bela cria, foi-se para o Hades;
cruel lobo em suas garras a prendeu.
Teus cães estão latindo: que proveito há quando 5
dela não se deixou cinza nem osso?

É certo, porém, que no último epigrama da primeira seção, em que se misturam espécies (no caso a espécie bucólica à espécie fúnebre para animais⁶⁴), Dáfnis já não está presente, e então surge o cabreiro Tírsis, que lamenta a morte da cabrita. Ora, independentemente da relação que se estabeleça com os epigramas precedentes, parece-me também aqui haver outra marca editorial: a morte como conclusão, comum no fechamento de seções de livros ou da obra⁶⁵.

Por conseguinte, nesta primeira parte da συλλογή dos epigramas atribuídos a Teócrito, em que se ressaltou a mistura do bucólico com outras espécies epigramáticas, tal como a da Priapéia (epigramas 3 e 4), foi possível observar algumas marcas editoriais na organização dos poemas, tais como o próêmio (epigrama 1) e a conclusão (epigrama 6), que encerram os epigramas em que Dáfnis, o poeta-pastor por excelência, está presente (epigramas 2-5); a disposição por alternância de poemas que se relacionam pela matéria (epigramas 2 e 4, de um lado, com elementos votivos, e epigramas 3 e 5, de outro, com elementos descritivos e personagens dormindo).

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA-HUGHES, B. Polyeideia: *The Iambi of Callimachus and the archaic iambic tradition*, Berkeley-Los Angeles: University of California Press, 2002.

64 Para a espécie, ver Gorla 1997, que constitui uma seção na AP (7.189-216, com o acréscimo de 364). Ver também Rossi 2001: 180-184.

65 Para a conclusão como morte, ver Fowler 2000: 247 e Hasegawa 2010: 12. Se, por um lado, encerra-se a seção com o epigrama fúnebre, alude, por outro, à forma original do gênero, ao evocar temas funerários.

- ACOSTA-HUGHES, B. E SCODEL, R. "Aesop poeta: Aesop and the fable in Callimachus' *Iambi*" In *Callimachus II (Hellenistica Groningana*, vol. VII), ed. by M. A. Harder, R. F. Regtuit and G. C. Wakker, Leuven: Peeters, 2004, 1-21.
- ARGENTIERI, L. "Epigramma e libro. Morfologia delle raccolte epigrammatiche premeleagree", *ZPE* 121 (1998), 1-20.
- CANFORA, L. "La Biblioteca e il Museo" In *Lo spazio letterario della Grecia antica* (vol. I, tomo II), dir. G. Cambiano, L. Canfora e Diego Lanza, Roma: Salerno Editrice, 1993, 11-29.
- DAWSON, C. M. "The *Iambi* of Callimachus. A Hellenistic poet's experimental laboratory", *YCIS* 11 (1950), 1-168.
- DEGANI, E. "L'epigramma" In *Lo spazio letterario della Grecia antica* (vol. I, tomo II), dir. G. Cambiano, L. Canfora e Diego Lanza, Roma: Salerno Editrice, 1993, 197-233.
- FANTUZZI, M. "Il sistema letterario della poesia alessandrina nel III sec. a.C." In *Lo spazio letterario della Grecia antica* (vol. I, tomo II), dir. G. Cambiano, L. Canfora e Diego Lanza, Roma: Salerno Editrice, 1993, 31-72.
- FANTUZZI, M. e HUNTER, R. *Muse e modelli. La poesia ellenistica da Alessandro Magno ad Augusto*, Roma/Bari: Laterza: 2002.
- FOWLER, D. *Roman constructions. Readings in postmodern Latin*, Oxford: Oxford University Press, 2000.
- GORLA, C. "LA NASCITA DELL'EPITIMBIO PER ANIMALI: ANYTE DI TEGEA E I SUOI CONTINUATORI", *Acme* 50 (1997), 33-60.
- Gow, A.S.F. *Theocritus*, Cambridge: Cambridge University Press, 1952, vol. 2.
- GOW, A.S.F E PAGE, D. *The Greek anthology. Hellenistic epigrams*, Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- GUICHARD, L.A. *Asclepiades de Samos: epigramas y fragmentos. Estudio introductorio, revisión del texto, traducción y comentario*, Bern: Peter Lang, 2004.
- GUTZWILLER, K. "The evidence for Theocritean poetry books" In *Theocritus (Hellenistica Groningana*, vol. II), ed. by M. A. Harder, R. F. Regtuit and G. C. Wakker, Groningen: Egbert Forsten Groningen, 1996a, 119-148.
- _____. "Vergil and the date of the Theocritean epigram book", *Philologus* 140 (1996b), 92-9.
- _____. *Poetic garlands: Hellenistic epigrams in context*, Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1998.
- HASEGAWA, A. *Os limites do gênero bucólico em Vergílio: um estudo das éclogas dramáticas*, Humanitas: São Paulo, 2012.

- _____. *Dispositio e distinção de gêneros nos Epodos de Horácio: estudo acompanhado de tradução em verso*. Tese de doutorado. USP. 2010.
- HUNTER, R. *Theocritus. A selection (Idylls 1, 3, 4, 6, 10, 11 and 13)*, Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- KERKHECKER, A. *Callimachus'book of Iambi*, Oxford: Oxford University Press, 1999.
- KREVANS, N. "The arrangement of epigrams in collections" In *Hellenistic Epigram (Brill's Companion to)* ed. by Peter Bing and Jon Steffen Bruss, Leiden/Boston: Brill, 2007, 131-146.
- LARSON, J. "Astacides the goatherd (Callim. *Epigr.* 22 PF.)", *CPh* 92 (1997), 131-7.
- LELLI, E. *Critica e polemiche letterarie nei Giambi di Callimacho*, Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2004.
- NISBET, R.G.M. E HUBBARD, M. *A commentary on Horace, Odes, Book II*, Oxford: Oxford University Press, 1978.
- OLIVA NETO, J.A. *Falo no jardim: Priapéia grega, Priapéia latina*, Cotia/Campinas: Ateliê Editorial/Editora Unicamp, 2006.
- PARDINI, A. "La ripartizione in libri dell'opera di Alceo", *RFIC* 119 (1991), 257-84.
- PUELMA, M. "Epigramma: osservazioni sulla storia di um termine greco-latino", *Maia* 49 (1997), 189-213.
- ROSSI, L. *The epigrams ascribed to Theocritus: a method of approach (Hellenistica Groningana)*, Leuven: Peeters, 2001.
- SCODEL, R. "Horace, Lucilius and Callimachean polemic", *HSPH* 91 (1987), 199-215.
- SENS, A. *Asclepiades of Samos: epigrams and fragments*, Oxford: Oxford University Press, 2011.
- STANZEL, K-H. "Bucolic epigram" In *Hellenistic epigram (Brill's Companion to)* ed. by Peter Bing and Jon Steffen Bruss, Leiden/Boston: Brill, 2007, 333-351.
- TARDITI, G. "Per una lettura degli epigrammatisti greci", *Aevum antiquum* 1 (1988), 5-75.
- TORRANO, JAA (estudo e tradução). Hesíodo. *Teogonia: a origem dos deuses*, São Paulo: Iluminuras, 1995.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. VON. *Die Textgeschichte der griechischen Bukoliker* (Philologische Untersuchungen 18), Berlin, 1906.

Recebido em: 30/11/2015. Aceito em: 01/03/2016.